

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

CENTRAL DE POESIA IV

Colóquio “O Fausto de Pessoa e outros”

5 de Novembro de 2020

10h15-17h00

Programa

10h15: Início

Primeira Sessão

10h30: António Vieira, “Fausto. Porquê voltar ao mito?”

10h50: João Dionísio, “Hiper-estruturas vs. paradoxos lógicos”

11h10: Patrícia Soares Martins, “Nuno Júdice entre o teatro estático e o drama em verso”

11h30: António Guerreiro, “A poesia trágica do nosso tempo (uma metamorfose do mito faustiano num romance de António Vieira)”

11h50: Debate

Segunda Sessão

14h30: Fernando Cabral Martins, “O teatro e o seu duplo”

14h50: Pedro Sepúlveda, “Sentidos de possibilidade: *O Homem sem Qualidades* e o *Fausto* de Pessoa”

15h10: Rui Sousa, “Fernando Pessoa e o momento das origens do problema fáustico”

15h30: David K. Jackson, “Notas sobre a origem do Fausto em Fernando Pessoa”

15h50: Debate

16h10: “Tradições, Transcrições, Traduções. O dilema fáustico da edição.” - Uma conversa com Jerónimo Pizarro e Carlos Pittella



CLEPUL Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



Centro de Estudos de Teatro



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Colóquio organizado com o apoio do Grupo 1 – Literatura e Cultura Portuguesa (CLEPUL), do Grupo de Investigação Literatura, Filosofia, Artes (IELT/FCSH) e do Centro de Estudos de Teatro (CET-FLUL). Os respectivos centros de investigação são financiados por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito dos projectos UIDB/00077/2020 (CLEPUL), UIDB/00279/2020 (CET) e UID/ELT/00657/2019 (IELT).

Resumos

António Guerreiro, “A poesia trágica do nosso tempo (uma metamorfose do mito faustiano num romance de António Vieira)”

Com o seu *Fausto* (de 1991, a primeira versão), António Vieira ampliou a constelação de um grande mito europeu e deslocou-o para o laboratório do culto da teoria e do triunfo da razão pura, construindo um romance que é ao mesmo tempo uma aventura do pensamento e não da acção.

António Vieira, “Fausto. Porquê voltar ao mito?”

O *Volksbuch* apareceu em 1587, ainda na imprensa inaugural. O seu conteúdo, situado entre a paródia e a tragédia, a história e a lenda, era tão singular que, apesar do anonimato do autor, o núcleo mítico que o texto irradiava se propagou pelo espaço europeu e germinou frutos renovados durante cinco séculos. A lenda mitificada tornou-se numa das arquitraves do imaginário europeu. Porquê voltar ao mito? – O regresso de Fausto parece decorrer de duas poderosas forças atractivas: retomar o desejo fáustico de enfrentar as novas aberturas ao conhecimento do mundo e da matéria, cada vez mais sedutoras, desmedidas e perigosas; e perscrutar, por sob a máscara de Fausto, aspectos da identidade do autor, clareando o conhecimento da sua própria experiência interior.

Jerónimo Pizarro, Carlos Pittella, “Tradições, Transcrições, Traduções”

Sabemos que Fernando Pessoa traduziu as obras «fáusticas» de Hawthorne (do Inglês para o Português) e de Espronceda (do Espanhol para o Inglês) e que leu os contributos de Theophilo, Castilho, Garrett e Antero para a tradução do *Fausto* de Goethe. E que ainda pensou em traduzir um *Fausto* (o próprio?, ou de outrem?). Partindo da edição crítica do *Fausto* pessoano publicada em 2018, que estabelece um diálogo com tradições e transcrições anteriores, como Pessoa o fez com tradições e traduções prévias ao seu *Fausto*, iniciado por volta de 1907, esta comunicação pretende iluminar ainda mais o *Fausto* de Pessoa e a sua relação com outros *Faustos*, assim como a história textual do «poema impossível», nas palavras de Manuel Gusmão. Ainda, na dimensão editorial, pode-se estabelecer uma relação entre a nova edição do *Fausto* com a edição do *Livro do Desassossego*, tomando-se como ponto de partida o fenómeno da «ansiedade da unidade»—sendo a obra de Pessoa e a edição da obra de Pessoa dois níveis entremeados de resposta a esta ânsia.

João Dionísio, “Hiper-estruturas vs. paradoxos lógicos”

Apesar de não ser conhecido nenhum projecto de extracção fáustica na obra de M. S. Lourenço, há nela várias referências importantes ao drama de Goethe. Numa delas faz-se a defesa do estilo de Kant, apodado de labiríntico por alguns, rezando a expressão dessa defesa: “eu faria, como o Doutor Fausto, um pacto com o Demónio para ser capaz de realizar o sonho de Mallarmé e escrever um período que pudesse ser considerado um labirinto”. Nesta comunicação visa-se testar uma interpretação deste *jeu d’esprit* como referência a uma hiper-estrutura de subordinação lógica; e, em alternativa, como menção de um oxímoro baseado na oposição conceptual entre “período” e “labirinto”. Se a segunda leitura for convincente, ela poderia ser a resposta a anseios pessoanos de ter a alegre inconsciência de alguém e a consciência disso. Ou seja, algo que justificaria um pacto especial.

David K. Jackson, “Notas sobre a origem do Fausto em Fernando Pessoa”

A relação entre Alexander Search, Coleridge e o mito literário-artístico do Fausto. A fonte de um género adverso pessoano, dramatização do abismo neobarroco entre a consciência e a vida, que está na origem do desassossego.

Fernando Cabral Martins, “O teatro e o seu duplo”

Fausto é o nome de uma série de figuras que representam diferentes modos da luta entre a Inteligência e a Vida – tal como é descrito em projectos de Pessoa. Mas estas variações de *Fausto* são também um lugar de confronto entre o teatro e o seu duplo.

Patrícia Soares Martins, “Nuno Júdice entre o teatro estático e o drama em verso”

Entre o Teatro Estático e o Poema Dramático, *O Voo de Igitur num Copo de Dados* e *Antero - Vila do Conde*, de Nuno Júdice, recuperam do simbolismo e dos seus ambientes um certo "terror" de que o *Fausto* de Pessoa não está isento. Estes textos retomam, já na segunda metade do século XX, uma nova e talvez irónica maneira de pensar o que Maeterlinck designava por "trágico quotidiano".

Pedro Sepúlveda, “Sentidos de possibilidade: *O Homem sem Qualidades* e o *Fausto* de Pessoa”

No quarto capítulo de *O Homem sem Qualidades*, Musil define o «sentido de possibilidade» como «aquela capacidade de pensar tudo aquilo que também poderia ser», não dando «mais importância àquilo que é do que àquilo que não é».

Partindo desta definição, procurarei analisar o projeto romanesco de Musil e o *Fausto* pessoano enquanto obras cuja fragmentariedade pode ser explicada a partir da própria índole dos seus heróis. Tanto estas obras quanto os seus protagonistas, Ulrich e Fausto, fazem depender a sua existência de possibilidades por concretizar. Estando estas possibilidades associadas, segundo Musil, a um «sentido» e uma «finalidade», o sonho dos heróis em atingir a plenitude no amor e no conhecimento é análogo a uma pulsão de completude que determina a escrita. Esta pulsão relaciona-se, em ambos os casos, com uma ideia de livro que, apesar de não concretizada, condiciona o modo como as obras são escritas.

Rui Sousa, “Fernando Pessoa e o momento das origens do problema fáustico”

Nesta comunicação propomos uma reflexão sobre o momento fundador dos principais elementos constitutivos do mito de Fausto, a transição entre a Idade Média e o Renascimento. Pouco considerado pela hermenêutica pessoana, esse contexto é essencial para a compreensão de aspectos como o livre pensamento pessoano, a sua perspectiva acerca do conhecimento e dos seus limites ou a coeva problematização céptica da existência. A aproximação que Pessoa faz a Francisco Sanches, filósofo português parcialmente contemporâneo do Fausto, será tida em conta na nossa abordagem, convergindo com os assuntos que singularizam o Fausto pessoano.